

Corpo, sexualidade e gênero: a mulher atleta

FABIO ZOBOLI*

TAMMY ROCHA COSTA**

Resumo

Este ensaio tem como objetivo apresentar a mulher e o esporte como estruturantes de práticas historicamente mal sucedidas trazendo para discussão algumas categorias que se fazem presentes no contexto da mulher no campo esportivo. A partir do conceito de gênero apresentamos o sexo e a sexualidade para fundamentar e tencionar algumas temáticas para mostrar como – por meio de discursos e práticas – a mulher tem sido vista e tratada no âmbito esportivo suspendendo questões como a masculinização dos corpos, a alusão ao homossexualismo e a erotização/sensualidade da mulher atleta.

Palavras-chave: Corpo; Sexualidade; Gênero; Mulher; Esporte.

Body, sexuality and gender: the female athlete

Abstract

This essay aims to present the woman and the sport as structuring of historically unsuccessful practices bringing to discussion some categories of the context of the woman in the sports field. From this concept, we present the sex and the sexuality to base and intend some practices to show how – with discourses and practices – the women has been seen and treated in the sports field, suspending questions as masculinization of the bodies, the reference of the homosexuality and the erotization/sensuality of the female athlete.

Key words: Body; Sexuality; Gender; Woman; Sport.



* **FABIO ZOBOLI** é professor do Departamento de Educação Física da UFS e do programa de pós-graduação em Educação da UFS; Doutor em Educação pela UFBA. Membro do grupo de pesquisa: "Corpo e governabilidade: política, cultura e sociedade".



** **TAMMY ROCHA COSTA** é graduanda em Educação Física pela UFS. Participante do grupo de pesquisa: "Corpo e governabilidade: política, cultura e sociedade"

Introdução

Descriminação, obediência, subordinação, inferioridade são algumas palavras que podem significar – ou até mesmo ser sinônimos – da trajetória histórica da mulher enquanto ser social na sua relação com o homem. A mulher viveu por muito tempo em uma sociedade onde os valores sociais hierarquicamente determinaram o homem como o ser que comanda e tem o poder, atribuindo normas e tarefas as mulheres a partir de uma posição marginal em todos os setores. Historicamente a mulher foi se reduzindo ao âmbito privado nas relações sociais e pouco a pouco se construiu uma civilização de supremacia masculina. Sob os mais variados estigmas o homem foi abrindo um fosso de distanciamento entre a mulher e sua importância social fora dos limites do lar. Nasce a mulher que cozinha, costura, limpa e cria filhos cercada pelos muros da casa e pelas muralhas da dominação masculina.

Estes signos criados a partir da preponderância masculina podem ser vistos como aspectos que estruturam relações de poder na medida em que atribuem valores às diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior ou superior. Assim as mulheres precisam ser formadas, corrigidas e receber certo número de qualidades para se caracterizarem enquanto tal. Desvelar estes signos que nos fazem crer que a superioridade masculina é a única realidade a permear as relações sociais é para nós condição essencial para se criar a cultura do respeito à condição de ser mulher, bem como o respeito à diversidade de gênero.

O esporte não ficou à mercê destes valores e historicamente foi local onde somente os homens figuravam. Desde a

sua concepção em forma de jogos na Grécia antiga ele era delimitado ao sujeito masculino. Estes signos demarcaram épocas e cruzaram o tempo expurgando sempre as mulheres do âmbito das quadras e centros esportivos. Neste sentido, o objetivo do presente ensaio é mostrar como a mulher é vista no cenário esportivo, cenário este que exalta a mulher a partir dos signos da sexualidade e sensualidade, reforçando assim os papéis e características do “ser feminino” que foram socialmente e historicamente estabelecidos.

Para tal, o presente ensaio foi dividido em 02 partes: no primeiro momento procuramos apresentar alguns conceitos como gênero, sexo e sexualidade, bem como estabelecer algumas tensões e aproximações entre os mesmos. A partir disto, na segunda parte trazemos algumas temáticas para mostrar como – por meio de discursos e práticas – a mulher tem sido vista e tratada no âmbito esportivo suspendendo questões como a masculinização dos corpos, a alusão ao homossexualismo e a erotização/sensualidade da mulher atleta.

Gênero, sexo e sexualidade: tensões e aproximações

Para trazermos questões que envolvem o gênero, o sexo e a sexualidade é necessário entender o ser humano enquanto uma estrutura caracterizada pela mescla de fatores biológicos e culturais, pois é a partir da complexa relação entre natureza e cultura que os seres humanos – enquanto seres corpóreos – se constroem. Homens e mulheres nascem com suas genitálias e isto os determinam enquanto estruturação biológica – sou do sexo masculino/ sou do sexo feminino. No entanto, para ser homem não basta

somente possuir uma genitália masculina e produzir testosterona, faz-se necessário também se apropriar de comportamentos sociais próprios da condição masculina. Pautado nisso, são mediados socialmente comportamentos próprios e impróprios para homens e mulheres.

O conceito de gênero pretendia-se romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resultava em diferenças inatas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. (MEYER, 2010, p. 15).

As abordagens pós-estruturalistas que tratam do conceito de gênero partem de princípios que afastam o lidar com o corpo por meio de sua naturalização através de determinantes biológicos universais, para tratá-lo por meio das relações de poder como produto das construções sociais, sendo estes referenciais uma implicação na diferenciação entre homens e mulheres, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

A visão pós-estruturalista de gênero implica no alargamento do binário homem/mulher. São criadas formas/maneiras que englobam tanto o homem como a mulher, isto é, esse processo não se limita a um tipo de gênero, mas sim a ampliação dos mesmos, atribuindo novas formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade. Dentro dessa pluralidade, ao longo do tempo o binário homem x mulher, foi e vêm sendo constantemente “re-construído” e a questão do gênero passa a ser vista não mais a partir de uma estrutura rígida de masculino e

feminino, mas sim, através de suas periferias, suas margens. A desconstrução do binário como algo fixo e permanente faz o convite para a abertura do melhor conhecer e entender um universo múltiplo de significações e desconstruções.

‘Novas’ identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua. Muitos afirmam, com evidente desconforto, que essas novas identidades ‘ex-cêntricas’ passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. (LOURO, 2010, p. 42-43).

Cada vez mais estão sendo geradas identidades que mostram e trazem imbricadas em si a questão da provisoriedade, da diversidade e da instabilidade das identidades existentes na sociedade. Características da pós-modernidade que “tiram do centro” e buscam novos “desvios” de identidades pautadas principalmente no *hexis* corporal dos sujeitos. Por exemplo, antes as cirurgias plásticas eram feitas para consertar e reconstituir partes do corpo, ou seja, eram de caráter “restaurador”; porém hoje, as modificações corporais realizadas por estas cirurgias assumem os mais variados sentidos: vaidade e estética, mudança de sexo, potencialização do corpo visando algum tipo de performance, dentre outras.

Um exemplo característico das questões abordadas até aqui é o corpo *queer*, designação oriunda da teoria *queer*, onde “*queer*” é um termo da língua inglesa, traduzido como “estranho, esquisito, singular, excêntrico”. Uma teoria que transcende a modulação

tradicional de gênero afirmando que não existem papéis sociais essencialmente e biologicamente definidos na condição humana, mas sim formas diversas de desempenhar papéis sexuais na sociedade. A teoria *queer* é uma teoria sobre gênero que vem “ressignificar” as culturas sexuais hegemônicas, na qual, rompem com a questão da padronização socialmente definida. Sendo assim, essa teoria tem o intuito de explicitar aquelas pessoas que são considerados “excêntricas”, “desviantes” ou até mesmo “anormais” – como muitos as caracterizam – tudo isso pautado na transgressão do que a sociedade impõe como comportamento adequado de viver o gênero e a sexualidade, sendo eles: os gays, as lésbicas, transgêneros e os bissexuais.

A expressão, repetida como xingamento ao longo dos anos, constituiu-se num enunciado performativo que fez e que faz existir aqueles e aquelas a quem nomeia. Performativamente instituiu a posição marginalizada e execrada. A posição que teria de ser indesejada. No entanto, virando a mesa e revertendo o jogo, alguns assumiram o *queer*, orgulhosa e afirmativamente, buscando marcar uma posição que, paradoxalmente, não se pretende fixar. Talvez fosse melhor dizer buscando uma disposição, um jeito de estar e de ser. Mais do que uma nova posição de sujeito ou um lugar social estabelecido, *queer* indica um movimento, uma inclinação. Supõe a não-acomodação, admite a ambigüidade, o não-lugar, o trânsito, o estar-entre. Portanto mais do que uma identidade, *queer* sinaliza uma disposição ou um modo de ser e de viver. (LOURO, 2006, *apud* NEPOMUCENO, 2009, p. 135).

Diante de toda essa discussão é notório

e imprescindível levantar a interferência da genealogia da construção das identidades ligadas ao gênero. As noções de homem e mulher foram construídas historicamente pautas em políticas e saberes alicerçados na questão do gênero: a política da igreja, da justiça através dos elementos legais, dos discursos e saberes das ciências médicas, bem como de outras instituições que visavam a disseminação de uma moralidade pautada no comportamento de gênero.

Assim, os discursos instituem diferenças, destino e restrições que são atribuídas socialmente, através de um determinado lugar, cultura e política inserida. Como afirma Louro (1999): as diferenças (que hierarquizam os sujeitos) estão, constantemente, sendo produzidas no meio social, através de processos lingüísticos e discursivos, num campo que é político, uma vez que nele estão implicadas relações de poder.

Por último, o conceito de gênero propõe, como já destaquei, um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação. (MEYER, 2010, p. 18)

Desta forma é notório que o conceito de gênero detém muitas aproximações com as questões ligadas tanto ao sexo como a sexualidade, possuindo assim, características que se identificam como também se diferem, confundindo-se até

em alguns aspectos. E todas elas tem uma ancoragem corporal, pois o corpo é aqui apresentado como vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. Para Bártolo (2007), onde se encontra um corpo dever-se-á encontrar também uma rede de relações instrumentais, uma série em funcionamento, de operadores epistêmicos, uma lógica de produção de sentidos, de um determinado sentido legitimador da rede de relações, do funcionamento dos operadores, do próprio procedimento das lógicas produtivas.

Não com a intenção de criar distanciamentos, mas na perspectiva de situar os conceitos apresentamos o sexo como sendo relativo a questões físico-biológicas, definidas através do aparelho genital, determinando o “ser homem” ou o “ser mulher”. Ser macho ou fêmea, ou ainda intersexo são características que se estruturam a partir do critério da genitália com a qual o indivíduo nasceu.

Já o termo sexualidade, segundo Weeks (1999) é empregado como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades sociais e históricos. Weeks (1999) afirma ainda que a sexualidade, embora tendo como suporte um corpo biológico, deve ser vista como uma construção social, uma invenção histórica, pois o sentido e o peso que lhe é atribuído são modelados em situações sociais e concretas.

Gênero, sexo e sexualidade se assemelham na medida em que são significações que se ancoram no e pelo corpo como entidade mediada pela linguagem. Gênero, sexo e sexualidade são componentes responsáveis pela identidade do ser humano, não só como corpo anatômico, mas também como corpo onde se inscrevem valores

sociais, valores esses expressos em diversas instâncias e instituições da sociedade, como por exemplo, no esporte.

A mulher no esporte... A mulher atleta

Ao longo da história a mulher sofreu, tentou e procurou buscar seu espaço de uma forma mais igualitária no meio social seja no campo político, econômico e religioso, no esportivo não foi diferente. O campo esportivo foi inicialmente considerado um espaço exclusivo para os homens, sendo assim, as mulheres eram proibidas de frequentar e se envolver em assuntos relacionados a esse espaço. Em seguida, essa visão muda e a mulher começa a frequentar como espectadora e acompanhante de seus maridos e filhos, trazendo também a questão da beleza para esse espaço. Como explica Goellner (2005, p.114):

Por certo que a prática esportiva feminina não é novidade deste século nem do passado, no entanto, é somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço neste território tido como essencialmente masculino. Uma das razões para tal conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta. As mulheres foram autorizadas a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, mesmo sob protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições, direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participassem.

Além dessa interpretação como somente espectadoras e acompanhantes de seus maridos ou filhos, a mulher na prática esportiva, foi vista também como vulgar, impura, pelo fato da exibição e espetacularização do seu corpo, contrariando assim, aos ideais moralistas e progressistas na qual perpassavam. Este aspecto é reafirmado quando assistimos competições que são transmitidas seja por canais de televisão ou por sites na internet, onde procuram mulheres belas nas arquibancadas como forma de não só embelezar o espetáculo, mas também, chamar a atenção e mostrar ao público masculino algumas beldades que por ali estão presentes.

Entretanto, a partir dessa visibilidade e sensualidade, a imagem da mulher espectadora acaba tomando outro rumo, servindo até como objeto de divulgação, como foi o caso da torcedora do Paraguai Larissa Riquelme, que chamou atenção na Copa do mundo da África do Sul de 2010, onde foi contratada por uma empresa de telefonia móvel, na qual ela através de blusas muito decotadas colocava o celular entre os seios, sendo considerada ao final da competição, a Musa da Copa do Mundo de 2010. Larissa Riquelme acabou na Playboy naquele ano.



Imagem 01: A erotização do corpo feminino (Larissa Riquelme) Fonte: Google imagens

Porém, não somente nas arquibancadas a beleza da mulher é procurada, mas também, dentro de quadra onde a mídia (televisão e revista) destaca não só o talento da atleta, mas em especial, sua beleza e o cuidado com o corpo. Dois exemplos que se impõem são o da lançadora de dardo, a também paraguaia e modelo Leryn Franco e da jogadora de vôlei do time Barueri, Luciana Escouto que divide seu tempo entre as quadras e a passarela, no qual, disputou em abril de 2013 o concurso de beleza Miss Brasil World, representando o estado do Rio grande do Sul, ficando entre as seis candidatas finalistas deste concurso, sendo considerada assim e rotulada nas quadras por essa dupla rotina, como a “miss do vôlei”.

Importante perceber que nas entrevistas feitas pela mídia com a maioria das atletas além de focar na beleza e no cuidado feminino fora de quadra – como é o caso da unha pintada, o trato com o cabelo através de penteados ou utilização de cremes – há uma preocupação constante com outras questões que transcendem o campo esportivo e adentram o contexto diário do papel de mulher. É comum as entrevistas estarem recheadas de perguntas que tentam averiguar se as atletas sabem cozinhar, se fazem afazeres domésticos, se vão ao salão de beleza etc. Estas questões são direcionadas como que numa tentativa de mostrar que a mulher atleta é mulher, pois fica num segundo plano a ideia inconsciente de que o esporte a masculiniza, ou seja, parece que ficamos presos a um estigma de esporte como lugar de homens. Esta realidade fica explícita na descrição feita na citação abaixo:

Um exemplo ilustrativo dessa situação foi a reedição, em 2001, do Paulistana., campeonato paulista feminino de futebol organizado pela

Federação Paulista de Futebol onde as atletas, para participarem do campeonato precisavam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o futebol à feminilidade. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas – a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré-condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral. (KNIJNIK, 2003, p. 05).

Vale destacar também, concursos que existem no campo esportivo em especial no futebol, onde a mulher é alvo de fetiche e desejo dos homens. Nestes concursos é trazida a tona a questão da beleza e da sensualidade, mas também a do saber sobre o futebol, saber esse

medido pelas habilidades com o esporte e também pelo nível de compreensão e entendimento das regras e dos campeonatos. O exemplo dessa questão é o concurso da Musa do Brasileirão disputado todo ano pelos times da primeira divisão do campeonato Brasileiro, onde cada time elege uma representante pautada nos seguintes quesitos: beleza e sensualidade, amor pelo time, e, entendimento da modalidade do futebol. Assim, estas mulheres desfilam não só em revistas como Playboy e Vip, mas também através dos ensaios fotográficos disponíveis na internet como o Paparazzo no portal globo.com.

A Revista Playboy no período de 1995 a 2012 veiculou 10 mulheres ligadas ao âmbito esportivo advindas das mais variadas modalidades. O quadro abaixo retrata as “personagens” esportivas veiculadas por tal revista:

Atleta	Modalidade	Edição da Playboy	Mês / Ano
Ana Alice	Natação	234	Janeiro / 1995
Bel	Futebol	240	Julho / 1995
Ida	Vôlei	254	Setembro / 1996
Ana Paula Teixeira	Jet ski	295	Fevereiro / 2000
Vanessa Menga	Tênis	307	Fevereiro / 2001
Hérica Sanfelice	Triatlo	319	Fevereiro / 2002
Nara e Lorraine	Body boarding	347	Junho / 2004
Andréa Lopes	Surf	380	Janeiro / 2007
Ana Paula Oliveira	Bandeirinha	386	Julho / 2007
Mari Paraíba	vôlei	446	Julho / 2012

Os exemplos citados acima nada mais são do que formas de sensualidade, ou melhor, erotização do corpo das mulheres envolvidas direta ou indiretamente nos variados esportes de rendimento.

Dentre os pontos já apresentados que ressaltam e destacam a beleza da mulher, trazemos também a questão da vestimenta, ou melhor, dos uniformes das atletas. Ao longo do tempo os uniformes sofreram algumas modificações, seja no sentido de tornar-se mais confortável e fácil para a execução dos movimentos no esporte, ou como meio de mostrar e destacar as curvas da mulher.

Além das questões relacionadas a erotização e sensualidade do corpo das mulheres envolvidas no campo esportivo, algumas mulheres foram condenadas por serem masculinizadas pelo esporte, ou por serem biologicamente masculinas demais – o caso aqui de algumas atletas hermafroditas. Algumas dessas foram condenadas por violar as leis da natureza ou foram colocadas sob suspeitas de trapaça.

Como exemplo do acima exposto, citamos dois casos – um nacional e outro internacional – onde ambas as atletas tiveram sua feminilidade contestada sendo conseqüentemente submetidas a testes que comprovassem seu sexo como mulher. A judoca brasileira Edinanci Fernandes da Silva, medalhista de ouro nos Jogos Pan-americanos de 2003 e 2007, e de bronze no Campeonato Mundial desta modalidade nos anos de 1997 e 2003, sofrera discriminação pois seu teste de feminilidade acusou um caso de condição hermafrodita. O mesmo aconteceu com a velocista sul-africana Caster Semenya, ganhadora da prova de 800 metros no campeonato mundial de

atletismo em Berlim 2009, onde a partir dessa conquista teve que fazer testes que comprovassem sua condição de mulher. Semenya possui genitais externos femininos, só que internamente esta não possui ovários e nem útero, mas sim testículos ocultos, no qual produzem testosterona acima do normal em uma mulher. Sendo assim, tanto Edinanci quanto Semenya possuem características – cada uma a partir de sua especificidade – tanto masculinas quanto femininas.



Imagem 02: A masculinização de mulheres esportistas (Caster Semenya) Fonte: Google imagens

O idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna Pierre Coubertin foi um dos defensores da não inserção da mulher do campo esportivo competitivo, um espaço justificado por ele, por conquistas, glórias e honras, na qual a mulher não se adequava. Porém ao mesmo tempo reconhecia o direito da prática esportiva feminina, recomendando alguns esportes como tênis, golfe, esportes praticados na neve, arco e flecha, entre outros, indo contra veemente da prática destas em esportes

considerados violentos como o futebol, as lutas e o halterofilismo, deixando claro que a prática esportiva das mulheres, fosse disputada entre si e jamais a vista e junto dos homens.

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vê-las obedecem preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma para condená-los. Ver-se-á, então, o que delles resulta. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação physica dos seus filhos. (COUBERTIN, 1938, *apud* GOELLNER, 2005, p.46).

Sendo assim, a mulher no âmbito esportivo sempre esteve envolta a pensamentos explicados a partir da questão maternal, do sexo frágil, do ser delicado. Todas estas representações sempre estiveram ferozmente ligadas a imagem da mulher independente de raça ou classe social; de igual forma o corpo do homem esteve comumente ligado aquele que possui vigor, força e rigidez em suas ações. Podemos pensar como exemplo desta situação a modalidade de ginástica que hoje pode ser praticada tanto por homens como por mulheres, porém ainda existem separações e restrições no que tange aos aparelhos.

Na ginástica artística os aparelhos masculinos são: argolas, cavalo com alças, barra fixa e barras paralelas – aparelhos que exigem por demais o fator força. Os aparelhos utilizados por mulheres: paralelas assimétricas e a trave de equilíbrio são aparelhos que exigem habilidades de equilíbrio e leveza. Nesta modalidade há também o aparelho solo que está presente nas duas categorias (masculina e feminina) só que com um diferencial: na prova feminina se usa um fundo musical e na masculina não. Seria isso uma mera coincidência? Por que, por outro lado, a ginástica rítmica é uma modalidade somente feminina? Dançar é coisa de mulher?

No atletismo provas olímpicas como a corrida dos 3.000 metros com obstáculos, salto com vara e o decathlon só passaram a ser femininas a partir do ano de 2000, até então eram provas tipicamente masculinas. A prova dos 50.000 metros marcha atlética é uma prova – a única – que continua sendo exclusivamente masculina.

A partir destas questões e da falação de que o esporte é uma prática para todos de forma igualitária, percebemos que ainda persistem algumas barreiras e restrições em relação à mulher na prática desportiva. Ainda há muitos resquícios onde permeiam preconceitos, estereótipos, erotização, dentre outros estigmas pautados em relações de poder. A história nos faz perceber possíveis implicações e restrições existentes em relação à prática da mulher no campo esportivo principalmente em esportes caracterizados como próprios para o homem onde foram promulgadas leis em diferentes épocas que proibiram a prática da mulher nesse espaço.

A tensão presente entre diferentes concepções acerca relação entre

mulheres e atividades físicas fez com que houvesse, por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas. Fruto desse movimento, em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento 01 que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlon e o pentathlon; outras foram permitidas, desde que praticada dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou, a Deliberação no. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball (GOELLNER, 2005, p. 03).

Arelado ao discurso de masculinidade, o processo histórico da mulher no campo esportivo traz imbricado consigo outra questão que merece destaque também, que é o fato da prática esportiva feminina fazer em algumas modalidades, a alusão ao homossexualismo.

Nos Estados Unidos, em relação às mulheres, o futebol é uma prática desde cedo incentivada e exercitada pelas meninas, visando através dessa prática um maior desenvolvimento físico como também uma forma de trabalhar a questão da coletividade, do trabalho em grupo, visão estas operacionadas pelo sistema educacional deste país. Já aqui no Brasil, a prática do futebol feminino ainda sofre muito com questão de preconceito e discriminação onde o futebol é caracterizado por grande maioria da população como uma prática

para homens e não para mulheres, sendo consideradas e taxadas em sua maioria as praticantes do futebol como “sapatonas”, “machinho/macho”, dentre outras designações.

Com o decorrer do tempo e através de muitas lutas e reivindicações, aos poucos o campo esportivo foi abrindo espaços e deixando um pouco de lado todo esse preconceito e discriminação da prática esportiva da mulher. Exemplo claro se dá pelo surgimento dos Jogos da Primavera (1949) e o Jogo Feminino do Estado de São Paulo (1935), dois eventos de grande visibilidade que oportunizaram a participação da mulher em variadas modalidades esportiva, abrindo até “portas” para a inserção destas em alguns clubes esportivos pelo Brasil.

Porém, apesar dessas “portas abertas” o campo esportivo é também alvo de preconceito e discriminação no que tange ao homossexualismo. Uma polêmica em relação ao homossexualismo no esporte de rendimento se deu no Mundial de Atletismo realizado em agosto de 2013 na Rússia. Na constituição daquele país foi promulgada e colocada em funcionamento neste mesmo ano a lei anti-gay proibindo propagandas e divulgações sobre a homossexualidade para menores de idade. Assim, como forma de manifesto algumas atletas protestaram durante a competição. Algumas atletas da Suécia pintaram suas unhas com as cores do arco-íris em apoio aos homossexuais, porém, essa atitude gerou muita polêmica e no dia seguinte as atletas estavam com as unhas pintadas todas de vermelho. Também como forma de protesto as atletas russas Kseniya Ryzhova e Tatyana Firova beijaram-se no pódio durante a cerimônia de entrega de

medalhas do revezamento 4x400 metros.

A guisa de fechamento afirmamos de que se houve a abertura para o ingresso da mulher no esporte, em contrapartida a mulher ainda continua exposta a questões que dizem respeito à sua sexualidade e sensualidade, bem como a questões homossexuais. Há ainda um forte preconceito pautado nas relações de gênero o que caracteriza o esporte como uma estrutura política que ainda reforça o binário masculino X feminino, apesar dos avanços no que diz respeito às discussões de gênero e da mulher no esporte.

Referências

- BÁRTOLO, J. **Corpo e Sentido**: estudos intersemióticos. Covilhã – Espanha. Livros LabCom, 2007.
- GOELLNER, S. V.; Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr/ jun. 2005.
- LOURO, G. L. **Sexualidade, gênero e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, p. 41-52, 2010.
- KNIJNIK, J. D. **A mulher brasileira e o esporte–seu corpo, sua história**. 1ª. Ed. 135 páginas. Higienópolis: Editora Mackenzie. 2003.
- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, p. 9-27, 2010.
- NEPOMUCENO, M. A. Saber *queer*: a encenação do corpo, gênero e sexualidade. **Revista Ártemis**, vol.10, p.133-145, João Pessoa, Jun 2009.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. (org.) **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-82. 1999.

Recebido em 2014-03-10
Publicado em 2014-03-16